

# SER ESTUDANTE NO ENSINO SUPERIOR:

O CASO DOS ESTUDANTES DO 1º ANO

LEANDRO S. ALMEIDA & RUI VIEIRA DE CASTRO  
(ORGS.)



## TÍTULO

Ser Estudante no Ensino Superior: O caso dos estudantes do 1º ano

## ORGANIZADORES

Leandro S. Almeida & Rui Vieira de Castro

## EDIÇÃO

Centro de Investigação em Educação (CIEd)

Instituto de Educação, Universidade do Minho

## ISBN

978-989-8525-45-1

## DATA

2016

## NOTA EDITORIAL

Textos selecionados a partir de comunicações apresentadas no 1º Seminário “Ser Estudante no Ensino Superior: O caso dos estudantes do 1º ano”, realizado pelo Observatório dos Percursos dos Estudantes da UMinho (Campus de Gualtar, 7 de setembro de 2015).

## APOIOS



Universidade do Minho  
Instituto de Educação  
Centro de Investigação em Educação

# FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

## ÍNDICE

---

<b>1 SER ESTUDANTE NO ENSINO SUPERIOR: OBSERVATÓRIO DOS PERCURSOS ACADÉMICOS DOS ESTUDANTES DA UMINHO.....</b>	<b>1</b>
--	----------

**Rui Vieira de Castro & Leandro S. Almeida**

<b>2 EXPECTATIVAS ACADÉMICAS DOS INGRESSANTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: INDICADORES PARA UMA POLÍTICA DE ACOLHIMENTO .....</b>	<b>15</b>
---	-----------

**Cynthia Bisinoto, Mauro Luiz Rabelo, Claisy Marinho-Araújo & Denise de Souza Fleith**

<b>3 PERFIL DOS ALUNOS INGRESSADOS NA UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO ATRAVÉS DO CONCURSO NACIONAL DE ACESSO AO ENSINO SUPERIOR.....</b>	<b>32</b>
--	-----------

**Ana Paula Silva, Susana Lisboa & Fernando Bessa**

<b>4 A INVESTIGAÇÃO NO CAMPO DOS ESTUDANTES NÃO-TRADICIONAIS NO ENSINO SUPERIOR: O 1º ANO EM DEBATE.....</b>	<b>39</b>
--	-----------

**António Fragoso**

<b>5 ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NO ENSINO SUPERIOR : RESPOSTAS INSTITUCIONAIS.....</b>	<b>64</b>
--	-----------

**Lília Aguardenteiro Pires**

<b>6 COMO APRENDEM OS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUTOS DA INVESTIGAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL.....</b>	<b>81</b>
--	-----------

**Sandra T. Valadas**

<b>7 IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO COM ALUNOS DE BAIXO RENDIMENTO ACADÉMICO NO ENSINO SUPERIOR.....</b>	<b>93</b>
---	-----------

**Isabel Gonçalves, Ana Lucas & Gonçalo Moura**

<b>8 PROMOÇÃO DE SUCESSO ACADÉMICO E BEM-ESTAR EM ESTUDANTES DO IPL: ALGUNS CONTRIBUTOS DO SERVIÇO DE APOIO AO ESTUDANTE (SAPE).....</b>	<b>123</b>
--	------------

**Graça Seco, Ana Patrícia Pereira, Luís Filipe, & Sandra Alves**

<b>9 TRANSIÇÃO E ADAPTAÇÃO DOS ALUNOS DO 1º ANO: VARIÁVEIS INTERVENIENTES E MEDIDAS DE ATUAÇÃO .....</b>	<b>146</b>
--	------------

**Leandro S. Almeida, Alexandra M. Araújo & Carla Martins**

# 1 SER ESTUDANTE NO ENSINO SUPERIOR: OBSERVATÓRIO DOS PERCURSOS ACADÉMICOS DOS ESTUDANTES DA UMINHO

---

**Rui Vieira de Castro & Leandro S. Almeida**  
Universidade do Minho

## Resumo

Dando corpo a um conjunto de preocupações da comunidade académica e de estudos já realizados nos últimos anos em torno do ingresso, adaptação, sucesso e transição para o mercado de trabalho, a Reitoria da Universidade do Minho decidiu em 2015 criar o seu “Observatório dos Percursos dos Estudantes da UMinho” que, em linhas muito gerais, aqui se apresenta. No quadro das suas atribuições merece desde logo destaque a análise do perfil de estudantes que ingressam no 1º ano e aqueles, ditos não tradicionais, pelas maiores dificuldades antecipadas na sua adaptação ao ES. Neste sentido, mobilizando-se alguns académicos nacionais e de países próximos (Espanha e Brasil), avançou-se na organização do primeiro de uma sequência de Seminários a realizar no início de cada ano letivo e que em 2015 teve como tema “Ser Estudante no Ensino Superior: O caso dos estudantes do 1º ano”. Aproveita-se, então, para apresentar alguns dos trabalhos apresentados neste primeiro seminário, agora reunidos neste volume.

## Introdução

A garantia da qualidade dos seus projetos educativos tornou-se hoje uma orientação estratégica para as instituições de ensino superior (IES). Esta orientação vem-se materializando na assunção de objetivos e na promoção de iniciativas que valorizam a eficiência formativa, considerando a multiplicidade de fatores que nela intervêm, das estruturas de governo dos ciclos de estudos aos recursos humanos e materiais a eles associados, dos ambientes de aprendizagem proporcionados aos conteúdos, metodologias de ensino e de aprendizagem e modalidades de avaliação valorizados, passando pela adoção de dispositivos especializados de garantia da qualidade.

Nesta circunstância, uma maior atenção vem sendo dada à atualidade e relevância técnica e social das aprendizagens curriculares dos estudantes e à sua preparação para o mercado de trabalho, ao mesmo tempo que se atende à qualidade de desenvolvimento psicossocial e à satisfação dos estudantes com as vivências e o percurso acadêmicos. O desenvolvimento de competências transversais, por exemplo, tem sido progressivamente reconhecido como um dos objetivos da educação superior e uma vertente que a oferta educativa das IES deve atender.

Neste quadro de referência alargada de sucesso académico, o estudante assume um papel importante. Reconhece-se que as condicionantes sociofamiliares de origem e de pertença do estudante, como também as circunstâncias académicas inerentes ao curso e ao ambiente académico têm a este propósito um papel fundamental; reconhece-se, no entanto, que o estudante é agente principal da sua formação e do seu sucesso académico, entendidos estes numa perspetiva desenvolvimental e construtivista. Esta abordagem do sucesso académico destaca as funções do estudante enquanto jovem-adulto com múltiplas tarefas de desenvolvimento a concretizar, por exemplo a aquisição de conhecimentos técnico-científicos, o desenvolvimento de uma perspetiva de carreira profissional e um sistema de valores, a aquisição da autonomia ou o relacionamento interpessoal numa lógica de heteronomia.

### **Observatório dos Percursos dos Estudantes da Universidade do Minho (OPE-UM)**

Preocupadas com a qualidade dos percursos educativos dos seus estudantes e com o seu sucesso, as IES encontram-se progressivamente desafiadas a alargar o conceito de sucesso académico ao desenvolvimento do bem-estar psicossocial dos seus estudantes e ao desenvolvimento de um conjunto bastante alargado de competências, não apenas técnico-científicas,

que lhes garantam, designadamente, condições adequadas para gerir com a necessária autonomia as transições e os desafios próprios do ES. Acresce que a valorização social do ES e a sua expansão crescente aumentaram o número e a diversidade de estudantes que a frequentam. A este propósito, destacam-se os chamados "públicos não tradicionais" (minorias étnicas, maiores de 23, estudantes internacionais, estudantes portadores de deficiência, estudantes atletas de alta competição...), ou seja, estudantes com características e necessidades específicas, que requerem das IES condições diferenciadas de frequência e sucesso académico.

Neste quadro, as IES foram criando os seus "observatórios", com o objetivo de recolher de forma sistemática - e ao longo do tempo - informação relevante sobre os perfis dos seus estudantes e o seu percurso académico balizado por duas transições importantes (o ingresso no ES e a saída para o mercado de trabalho). Aposta-se que a informação relativa aos estudantes e seus percursos, quando recolhida de forma intencional e sistemática, possibilita a definição e a implementação de políticas promotoras da qualidade do ensino e da aprendizagem e da vida académica, bem como organizar serviços de apoio aos estudantes, diferenciados segundo as suas características e necessidades específicas. A par da aprendizagem e sucesso curricular, importa cuidar do desenvolvimento psicossocial e da satisfação dos estudantes, reduzindo abandonos e aumentando as competências de empregabilidade e as possibilidades de sucesso no acesso ao mercado de trabalho.

O Observatório dos Percursos dos Estudantes da Universidade do Minho (OPE-UM) tem como foco coletar, tratar e difundir informação, de forma longitudinal e sistemática no tempo, sobre os estudantes da UMinho e os seus percursos. Inclui-se nessa informação o seu passado sociofamiliar e escolar, as suas expectativas em relação ao ES, os seus processos de aprendizagem e experiências extracurriculares, a sua mobilidade internacional e opções curriculares realizadas ao longo do seu percurso formativo, analisando-se o

impacto destas no seu rendimento e sucesso académico, na sua permanência na instituição e conclusão do curso, nas suas competências de empregabilidade e transição para o mercado de trabalho.

No quadro da promoção dos índices de sucesso educativo, a criação do OPE-UM visa os seguintes objetivos: (i) conhecer os perfis dos estudantes que acedem à UMinho, prestando particular atenção à heterogeneidade das suas características e necessidades, dando particular atenção ao acesso crescente de “novos públicos”; (ii) estudar os percursos dos estudantes de graduação e pós-graduação na UMinho, incluindo aqui quer a atividade académica mais diretamente associada ao curso, quer as atividades mais latas de desenvolvimento pessoal, social, cultural e de competências transversais; (iii) analisar o impacto de variáveis pessoais, académicas e contextuais nas trajetórias dos estudantes, apreciando o respetivo impacto no sucesso académico, na permanência no cursos e na instituição, na satisfação com o curso e com e a instituição, e nas competências de empregabilidade; (iv) facultar aos/às diretores/as de curso e aos responsáveis dos conselhos pedagógicos informação sobre os estudantes ingressantes e sobre os determinantes do seu sucesso académico, aspetos da sua progressão escolar, os perfis profissionais dos diplomados e sua integração no mercado de trabalho; e, (v) informar políticas das escolas e institutos e da Universidade em matéria organização, gestão e desenvolvimento dos projetos de ensino.

A atividade do Observatório inscreve-se, pois, num conjunto e compromissos da Instituição: com a promoção do sucesso académico, com o combate ao abandono escolar, com a monitorização dos percursos dos estudantes.

A quantidade e qualidade da informação a reunir e a tratar pelo Observatório implicam o envolvimento de diferentes instâncias académicas, em particular os serviços de apoio ou de interface com os alunos e com a sua atividade académica (serviços académicos, de ação social, de relações internacionais, de apoio ao ensino, de comunicação e imagem, entre outros).

Implicam igualmente as estruturas de governo da universidade e das escolas e institutos, da associação académica, da provedoria do estudante, e dos serviços mais diretamente voltados para a empregabilidade e transição para o mundo de trabalho.

A informação recolhida, analisada e partilhada pode apoiar as medidas de divulgação da oferta formativa e recrutamento de alunos, as práticas de acolhimento instituídas, os programas de apoio à excelência académica, as medidas de melhoria da qualidade do ensino, as reformas curriculares, o aconselhamento pedagógico e apoio à formação dos docentes, bem como a valorização e acreditação das ofertas formativas da Instituição. Por outro lado, importando sobretudo nortear medidas promotoras do sucesso académico e do desenvolvimento psicossocial dos estudantes, também o Observatório pode ter um importante papel na implementação de medidas de apoio a estudantes em risco quando precocemente identificado. A este propósito, importa destacar a natureza confidencial de toda a informação recolhida, a lógica mais promocional e institucional de intervenção, que não individual, rentabilizando serviços existentes na UMinho de apoio psicológico e/ou de inclusão educativa de estudantes, quando necessário.

### **Seminário “Ser Estudante no Ensino Superior: O caso dos estudantes do 1º ano”**

As variáveis pessoais do estudante ganham relevância quando nos reportamos à transição e adaptação académica dos estudantes do ES. Sendo certo que os percursos académicos de sucesso dos estudantes podem (devem) preparar-se antes de ingressar no ES, a investigação destaca a importância do 1º ano de transição e ajustamento do estudante ao novo contexto académico.

Dados disponibilizados pela DGES relativos à situação 1 ano após a inscrição no ES, em 2012-13, identificam nos cursos de licenciatura do ensino

público um abandono na casa dos 12%, tanto para as universidades como para os institutos politécnicos, valor que se apresenta mais elevado nas IES privadas (17% para as universidades e 14% para as instituições politécnicas). Estas taxas descem significativamente nos mestrados integrados (3,6% nas instituições públicas e 8% nas privadas) e disparam nos mestrados (2º ciclo) para valores da ordem dos 22% no ensino público, chegando aos 42% no privado politécnico.

Neste contexto, importa analisar que recursos pessoais o estudante mobiliza para esta transição e como tais recursos respondem às exigências do ensino superior. O *background* cultural, os conhecimentos curriculares, os métodos de trabalho, a clareza do seu projeto vocacional, os níveis de maturidade psicossocial e autonomia, as redes de suporte familiar e de amigos são variáveis importantes no acesso e ajustamento ao ES. A organização e funcionamento do ensino superior, por exemplo horários de aulas distribuídos ao longo da semana, professores de relacionamento mais distante e unidades curriculares sem um manual de aprendizagem restrito desafiam o estudante menos autónomo na organização dos tempos e na gestão das atividades e relações.

Uma das variáveis que tem sido estudada na Universidade do Minho, aliás em parceria com outras universidades portuguesas e estrangeiras, a propósito da transição e adaptação académica dos estudantes, prende-se com as suas expectativas académicas. De uma forma mais ou menos esclarecida, tomando uma representação mais ou menos fidedigna da Universidade e da instituição concreta em que entra, os estudantes autoavaliam-se em termos da sua experiência de vida e do seu passado escolar e formulam um conjunto de expectativas acerca daquilo que consideram que podem e gostariam de concretizar, que é de todo o interesse conhecer-se. Por um lado, as suas expectativas podem não ser coincidentes com as de outros colegas, mesmo estando no mesmo curso e turma, por outro lado podem diferir ainda no grau de intensidade e prioridades. Num misto de

competência e de motivação, o estudante espera concretizar um conjunto de objetivos, sente-se capaz de os alcançar e implica-se na vida académica em função dessas suas expectativas.

A investigação na área revela que estudantes com maiores expectativas implicam-se mais na vida académica e atingem com mais facilidade os resultados almejados, como que cumprindo as suas "autoprofecias" iniciais. Estudantes com menores expectativas tendem a implicar-se menos na vida académica, em particular nas atividades curriculares e no relacionamento com os colegas do curso, acabando algumas vezes por se distanciarem do ambiente académico. Ao mesmo tempo, estudantes com expectativas muito elevadas, por vezes fantasistas ou irrealistas, terminam também frustrados no final de algumas semanas no ES: os seus recursos não respondem às exigências, as suas capacidades não garantem o sucesso nos trabalhos e aprendizagem, os professores não são brilhantes, os equipamentos não são tão extraordinários, a liberdade conseguida por viverem autónomos da família não dá satisfação e os colegas não são os amigos que se antecipavam.

O conhecimento das expectativas iniciais dos estudantes é, por isso, relevante, sendo o tema do primeiro texto do livro da autoria de Cynthia Bisinoto, Mauro Luiz Rabelo, Claisy Marinho-Araújo e Denise de Souza Fleith (Universidade de Brasília). Algumas vezes, aponta-se a possibilidade e o interesse em trabalhar tais expectativas ainda no ensino secundário. Tal preocupação e atividades associadas poderão ajudar a prevenir eventuais discrepâncias entre a realidade académica e os conhecimentos dessa realidade por parte dos estudantes e suas expectativas. Este desfasamento pode ter aumentado nos últimos anos em virtude de uma grande expansão, e consequente massificação, do acesso ao ES em alguns países. Nesta altura, face a uma população ingressante sem grandes referências sobre o ES, os diretores dos cursos e os professores do 1º ano podem assegurar alguma adequação das expectativas iniciais às características do ES, do curso e da instituição. A ausência dessa atenção pode proporcionar sentimentos de

frustração nos estudantes, podendo estes experienciar algum desajuste ou dificuldades de adaptação no decurso das primeiras semanas de aulas. Pelos riscos que esta situação pode comportar em termos de abandono e de insucesso dos estudantes, algumas medidas podem implementar-se como atividades de acolhimento e de divulgação do curso/instituição, reforço do trabalho de grupo nas aprendizagens, aumento do *feedback* dos professores em relação às atividades de ensino e objetivos de aprendizagem esperados, ou, ainda, a implementação de metodologias de avaliação contínua. No primeiro texto deste livro ilustram-se atividades de acolhimento dos novos alunos por parte da Universidade de Brasília, no quadro de uma política institucional de atender a um público cada vez mais heterogéneo nas suas vivências anteriores e expectativas académicas.

Preocupadas com a integração e a adaptação dos novos estudantes, a generalidade das IES implementaram sistemas de recolha de informação tendo em vista informar práticas de melhor atendimento e atenção à diversidade. O segundo texto deste livro, da autoria de Ana Paula Silva, Susana Lisboa e Fernando Bessa (UTAD - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) descreve um destes sistemas de recolha anual de informação sistemática e exprime a preocupação em sinalizar atempadamente os casos críticos para orientar formas concretas de intervenção, por forma a minimizar os fatores de risco da desadaptação académica, insucesso e abandono. De entre estas medidas de intervenção, justifica-se uma referência ao “Programa de Acolhimento para o Novo Estudante” e a implementação, já em 2015/2016, do “Programa de Tutoria” em 9 dos cursos da UTAD.

Com a massificação do acesso ao ES, ampliou-se a diversidade de estudantes que nele ingressam. Face às taxas daqueles que não concretizam com sucesso este seu ingresso, o objetivo é recolher dados sobre os perfis dos estudantes e como tais perfis se adequam às características de uma instituição e curso. É certo que o conhecimento da realidade dos alunos não resolve, por si, as situações; contudo conhecer os fatores de risco é um passo

importante para se identificarem necessidades e formas mais precisas de atuação por parte das instituições. Num país com um sistema de *numerus clausus* na regulação do acesso, como é o caso de Portugal, importa atender desde o início aos estudantes que não se encontram colocados na instituição e no curso de sua primeira escolha (reportando-nos ao ensino público, os dados do Ministério de Educação relativos ao ano letivo de 2015/16 referem que apenas 50,5% dos estudantes portugueses entraram na sua primeira opção de par instituição-curso, face a 54% no ano letivo imediatamente anterior). Esta é uma situação efetiva de risco de não adaptação e de não permanência dos estudantes admitidos no ES, sendo certo que na maioria dos casos ou os estudantes concretizam uma boa adaptação e investimento na opção que frequentam ou mobilizam-se estrategicamente para as mudanças disponibilizadas pelo próprio sistema, incluindo a preparação de uma nova candidatura no ano letivo seguinte.

A implementação de medidas de acolhimento e integração tem necessariamente que atender à diversidade de alunos que hoje frequentam o ES. Em Portugal esta heterogeneização do corpo estudantil das IES vem-se acentuar nos últimos anos, sendo possível que esta realidade tenha aumentado a consciência e a vontade das instituições atuarem preventivamente na integração e sucesso académico dos chamados “alunos não-tradicionais”. A caracterização destes alunos como grupo não é fácil pela sua grande diversidade. É certo que estes estudantes, por norma mais velhos, com responsabilidades familiares e profissionais, provenientes de grupos menos favorecidos da sociedade ou originários de outros países e de grupos étnicos minoritários, assim como estudantes internacionais ou estudantes em programas de mobilidade, apresentam um conjunto de características nem sempre as mais atendidas pelas estruturas e práticas académicas instituídas. No terceiro texto deste livro, António Fragoso (Universidade do Algarve) aborda os estudantes mais velhos, um subgrupo de estudantes cuja expansão nas IES em Portugal tem vindo a aumentar fruto de legislação recente a

propósito do acesso dos “maiores de 23”. Importa reconhecer a existência de um número cada vez maior destes estudantes e criar as condições logísticas e curriculares que atendam às suas particularidades, tendo em vista o seu maior envolvimento na vida académica e melhor sucesso. Tendencialmente, como se descreve no terceiro texto deste volume, as dificuldades de adaptação destes “estudantes maduros” justificam uma intervenção logo no 1º semestre. Por um lado, são estudantes que se questionam “será que ainda sou capaz?”; por outro, alguns dos seus professores questionam a razoabilidade da sua presença, assumindo crenças e atitudes que nem sempre são as mais favoráveis ao sucesso académico, em geral, destes estudantes mais velhos.

Um outro grupo de estudantes a merecer a atenção crescente das IES é formado pelos alunos portadores de uma dificuldade ou limitação física ou sensorial. No quarto texto do livro, Lília Aguardenteiro Pires (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa), considera os estudantes com deficiência ou, melhor, com NEE (necessidades educativas especiais) e o desafio das IES promoverem a sua inclusão e sucesso académico. Em particular junto destes estudantes, a par da garantia do acesso, e em cumprimento de orientações e convenções internacionais, deve o ES garantir as reais condições de participação e de aprendizagem tendo em vista o seu sucesso académico. Em Portugal, a criação do Grupo de Trabalho para o Apoio a Estudantes com Deficiência (GTAEDDES), presente já num bom número de IES, tem sido portavoz dos direitos destes alunos e das intervenções que têm sido concretizadas a este propósito. Neste mesmo capítulo, a autora refere o registo de 1 318 estudantes com NEE nas instituições de ES em Portugal, em levantamento realizado pelo GTAEDDES, no ano letivo de 2013/2014. Trata-se de um número que justifica uma atenção crescente por parte dos docentes e das instituições a este subgrupo de estudantes, podendo-se seguir neste quarto texto o trabalho desenvolvido junto dos professores (metodologias de ensino e de avaliação) e dos outros estudantes (por exemplo, um programa de

voluntariado), ao longo de vários anos, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Uma preocupação importante na integração académica de qualquer estudante é que este assuma (não perca) o seu papel central na instituição: estudante. Por vezes, face à insegurança inicialmente sentida a nível social e emocional, ou então face à novidade da situação e à vontade de exploração por parte do estudante, este esquece-se do seu papel principal de aluno. As primeiras aulas e os primeiros trabalhos, no entanto, são decisivos para ele entender o seu papel no ES e seguramente para conhecer os novos moldes em que deverá ser exercido tal papel.

Neste quadro ganham particular relevância os métodos de estudo e as abordagens à aprendizagem dos estudantes, assentes na experiência escolar anterior, mas que seguramente devem agora atender às particulares e desafios do ensino e da aprendizagem no ES. A investigação na área tem mostrado que os estudantes no ES diferem nas suas formas de estudar e aprender, sendo que tais diferenças ocorrem em função das características cognitivas e motivacionais próprias e, ainda, em função das avaliações que fazem das tarefas académicas a realizar, dos contextos e dos resultados almejados. O quinto texto, da autoria de Sandra Valadas (Universidade do Algarve) analisa as abordagens à aprendizagem dos estudantes no ES, entendidas como comportamentos mais ou menos deliberados e sistemáticos dos estudantes aprenderem.

A investigação na área tende a diferenciar três abordagens à aprendizagem dominantes nos comportamentos e processos de aprender dos estudantes: superficial (de índole essencialmente memorística), profunda (de cariz compreensiva) e estratégica (centrada no alto rendimento). Combinando motivação e estratégias, ou seja, dimensões emocionais e cognitivas, as abordagens de aprendizagem são decisivas na qualidade dos conhecimentos adquiridos e construídos, estando também associadas ao rendimento escolar dos estudantes. Neste caso, as abordagens de tipo superficial aparecem

associadas na generalidade das unidades curriculares, que não necessariamente em todas, a maior insucesso dos estudantes.

A organização de formas de apoio aos estudantes do 1º ano tendo em vista a sua melhor integração e sucesso académico é já hoje prática frequente na maioria das IES. No sétimo texto deste livro, Isabel Gonçalves, Ana Lucas e Gonçalo Moura (Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa) apresentam um programa de tutorado existente na sua instituição, tendo em vista uma identificação e intervenção precoce na problemática do insucesso escolar. Centrado nos alunos de baixo rendimento académico (alertando que outros alunos que não do 1º ano, por exemplo dos alunos em risco de prescrição, podem também ser aqui considerados), este programa permite ainda a sinalização de alunos que justificam um acompanhamento individualizado em respostas a dificuldades pessoais evidenciadas, tendencialmente com reflexos num rendimento académico inferior.

Neste sexto texto podemos encontrar uma descrição relativamente pormenorizada de um programa de tutorado em apoio aos alunos com baixo rendimento académico. A formação dos tutores, dada a complexidade das suas atribuições (auxiliar na integração, diagnosticar necessidades, orientar e esclarecer dúvidas, monitorizar o progresso académico do estudante, ou apoiar a sua orientação vocacional e carreira profissional), é componente essencial para o sucesso desta medida interventiva. Estes factos ganham maior expressão quando se refere que, no ano letivo de 2014/2015, o programa de tutorado envolveu 180 tutores, repartidos por 19 cursos, e apoiando cerca de 1 350 tutorandos.

Uma outra experiência concreta, aliás também já bastante consolidada no tempo, é relatada no oitavo texto deste livro, que tem como autores Graça Seco, Ana Patrícia Pereira, Luís Filipe e Sandra Alves (Instituto Politécnico de Leiria (IPL). Trata-se de um serviço de apoio à integração, sucesso académico e bem-estar dos estudantes, cuja intervenção assume um cariz essencialmente preventivo e promocional.

A aposta interventiva situa-se na aquisição de competências diversas por parte do estudante (e.g. competências comunicacionais, relacionais e autorreguladoras do estudo) suscetíveis de capacitarem os alunos não apenas para a transição vivenciada no 1º ano, mas todas as outras ao longo da sua formação e incluindo a saída para o mercado de trabalho (aqui, as sessões de trabalho incluem as técnicas de procura de emprego, a elaboração de CV e a organização de portefólios). Esta capacitação pode ocorrer através de sessões presenciais, mas ilustra-se também a sua ocorrência através de suportes tecnológicos *online*. Em síntese, falando-se de jovens-adultos numa fase relevante de construção da sua identidade e autonomia, é decisivo o empenho das IES no desenvolvimento de competências académicas e psicossociais abrangentes, a que corresponde também um conceito alargado de sucesso académico do ES (por exemplo, a inclusão pelos autores do "bem-estar" do estudante).

Finalmente, o livro inclui um texto que faz uma síntese de processos e variáveis implicados nos processos de transição e adaptação académica dos estudantes do 1º ano no ES. Da autoria de Leandro Almeida, Alexandra M. Araújo e Carla Martins (Universidade do Minho), este texto enquadra a qualidade da transição e da adaptação num vaivém relacional dinâmico entre exigências ou desafios do ES e recursos do próprio estudante, em particular os seus níveis de competências, conhecimentos e autonomia. Entendendo-se os novos desafios como inerentes à missão do ES, importa cuidar da preparação dos estudantes para uma resposta positiva e, quando necessário, assegurar os apoios necessários ao sucesso desta transição. A investigação na área sugere que a discrepância entre esse nível de exigência e o nível de competência ou maturidade do estudante desencadeia algum desajustamento que, não sendo superado, proporciona situações de insucesso académico e, mesmo, abandono.

Algumas variáveis pessoais e sociofamiliares ilustram as características dos estudantes ingressantes; algumas delas podem inclusivamente ser tidas

como menos adequadas às exigências do ES. Nessa altura, as IES, em particular os diretores de curso e professores que lecionam no 1º ano, devem atenuar as discrepâncias face às experiências anteriores dos estudantes e muni-los de ferramentas para a superação das dificuldades encontradas. Um relacionamento mais próximo, um *feedback* mais frequente ou o trabalho em grupo podem ilustrar estratégias promotoras da integração e da aprendizagem, com reflexos positivos no rendimento, satisfação e permanência académica dos estudantes do 1º ano. Serviços, professores e colegas – ou seja, a instituição no seu todo – podem (devem) responder de forma preventiva nas dificuldades que sempre se podem antecipar em qualquer transição humana e que a investigação nacional e internacional tem sobejamente mostrado ocorrer aquando do ingresso no ES.